

ROÇADAS E TRADIÇÕES COMUNITÁRIAS NO PLANALTO DA LOMBADA — BRAGANÇA

por

Belarmino Afonso *

SUMMARY

In certain countries of the Northeast of Bragança communitarianism took deep roots. It is still the village bell that goes on announcing the meeting of the council.

This essay is an attempt of study and an anthropological, social and economical interpretation of those cleared lands (roçadas) that subsisted in Lombada till some forty years ago.

These were agricultural tasks made in a communitarian way by all the neighbours, in order to cultivate the cereals necessary to support their family, or to give an answer to the achievement of some festivity or any task that is necessary for the community. The waste lands (baldios) were cultivated. These were cleared lands (roçadas) belonging to the patron Saint, to the church, to the Boys according to whom the final product would belong.

The waste lands were cultivated rotatively by the members of the council composed by the chief of every family. It worked as a democratic assembly presided by two major-domos (mordomos) chosen among the eldest and most esteemed neighbours. They called the people together, they determined the works to be made, they set up fines when some one broke the communitarian rules.

The cleared lands (roçadas) began with cutting of brushwood almost always on the day of, St. Sebastian (the twentieth of January), and ended in the middle of August.

It seems that this use has its roots mediaeval practices, and settles a kind of ceremony in the way because the young people had in it an occasion for apprenticeship.

Fines paid with wine, games and bets, made a feast surrounding propitious.

The forestry of the area, the usage of chemical manure and emigration decided the end of the cleared lands.

SOMMAIRE

Le communautarisme a encore des racines très profondes dans quelques contrées de la région de Bragança. La cloche annonce encore la réunion du conseil. Ce travail est un essai d'étude et d'interprétation anthropologique et socio-économique des roçadas (défrichage) qui existaient à Lombada (Bragança), et ont disparu depuis quarante ans. C'étaient des travaux agricoles, effectués communautairement par tous les voisins, afin de cultiver le pain (seigle), nécessaire à la famille,

* Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Bragança.

ou a fin de répondre à la réalisation de quelque fête ou oeuvre indispensable au village. Il y avait des roçadas du Saint, de l'église, des garçons, d'après l'application du produit final. Les terrains en friche étaient cultivés rotativement par le conseil, constitué par l'ensemble des chefs-de-famille. Il fonctionnait comme une vraie assemblée démocratique, à laquelle présidaient deux majordomes, choisis parmi les voisins les plus âgés et prestigieux. Ils convoquaient la communauté, marquaient les tâches, flanquaient des contraventions, quand quelqu'un transgressait les normes. Les roçadas commençaient le jour de S. Sebastien, et se terminaient la moitié, à peu près, du mois d'Août.

Elles se rapportent, à notre avis, avec des rites de passage, parce que les jeunes y avaient une occasion d'apprentissage totale. Des amendes payés en vin, des jeux et gages, propiciaient une ambiance de fête. Le développement de la forêt, l'usage de l'assaisonnement chimique, et l'emigration, ont déterminé la fin des roçadas.

INTRODUÇÃO

As roçadas constituem uma forma de trabalho comunitário. Situavam-se na zona fronteiriça dos concelhos de Bragança e Vinhais. Devido à florestação e à introdução do adubo, as roçadas terminaram há cerca de quarenta anos. Hábito igual existia nas vizinhas terras espanholas de Aliste (Alcanhices-Zamora).

Esta forma de serviços apresenta raízes muito remotas, e não se pode compreender sem o estudo dos povos pré-romanos que se fixaram nestas zonas de planalto. Para eles, a terra constituía um uso e não uma posse, que pertencia aos deuses¹. As colheitas havidas por cada um eram depois divididas pela comunidade. Quem não cumprisse este princípio de justiça distributiva comunitária, pagava com a morte a transgressão (vaceus)².

Devemos encarar as roçadas como um meio de granjear alimentos. O indigente, possuidor apenas da força dos seus braços, encontrava nas roçadas uma situação sócio-económica que o igualava aos vizinhos de melhor estatuto económico. Embora transitoriamente, possuía também a terra e fabricava-a. Veremos também o papel da mulher. Viúva ou não, acompanhava o homem nos trabalhos do conselho, com excepção no conserto do açude do rio. Porque os homens tinham de se despir, as mulheres, por recato, não eram convocadas. As roçadas constituíam autêntica escola pedagógica de gerações, na maioria anal-fabetas.

A roçada, instituição cultural que abordamos com certo pormenor no planalto da Alta Lombada, apresenta pequenas variantes que apenas reforçam a existência de uma tradição comum, a findar no primeiro quartel deste século.

¹ Jorge Dias, *Ria de Onor*, p. 20.

² Joaquim Costa, *Colectivismo agrário*, tomo 2, p. 175.

Havia *roçadas do conselho, roçadas da igreja, do Santo, dos rapazes*. Descrevemos com pormenor apenas as primeiras. Nas seguintes, o nome indica o objectivo com que se faziam. Se havia necessidade de compor a igreja, fazer a festa do Santo, ou abrilhantar a Festa dos Rapazes, o fundo económico estava numa roçada que se fazia para esse efeito. Babe, aldeia de melhor estatuto económico, onde os vizinhos tinham todos algumas leiras de seu, só havia a roçada da igreja³. Porque havia baldios suficientes, temos também as roçadas particulares. Neste caso, qualquer vizinho podia ir a um baldio e delimitar a área de roçada com montículos de terra e mato, colocados de onde em onde. Se outro quisesse também fazer roçada particular, tinha de escolher outro local baldio.

Que comunidades são as que vão referidas no trabalho subsequente? Os referidos apodos que uma tradição centenar nos carreu, revelam ao menos o bom humor que nunca falta em sociedades agrárias. Ei-los: Blarinho (Vilarinho, aldeia fronteiriça espanhola) nem comem pão nem vinho; Petisqueira, da mesma maneira. Cabecinhotos, os de Deilão; Violeiros, os de Palácios. Moças lindas, os de Caravela; Calouros, os de Babe; Escalda-Gatos, os de Vila-Meã.

Para caracterizar a pouca fartura dos de Guadramil, conta-se nas aldeias vizinhas a história de um sujeito que foi visitar um amigo em dia de festa:

Tiu? — C' mede pan. — Cochilo num tenemus. Calagouço 'stá no roço, o pdão 'stá na poda, e... scutrumelá-lo parece mal.

Tiu? Se bus querieis ir, quedáde-bus; se bus quereis ficar, ede-bus. Daqui ò Santo é ã salto d'ũa pulga. Do Santo à Lagonota é ã domlinairo. Dali a Deilão brebe lhégais.

1. AS ROÇADAS

De alforges⁴ e calagouço ao ombro, iam saindo de manhã cedo. O ruído dos socos brochados de aba larga propagava-se de todos os becos para fora da aldeia. O sino dera já o sinal, e à roçada não se podia chegar atrasado. Os mordomos apressavam o passo. Alguns puxavam do tabaco de onça e da mortalha, e enrolavam um cigarro mal feito. Gotícolas de geada prendiam-se à barba de oito dias. Essas manhãs de Janeiro, frias que nem focinho de cão, obrigavam a meter as mãos nos bolsos das calças de burel.

³ Em Babe só existia a roçada da igreja. O dinheiro feito com a venda do cereal da última roçada, serviu para dourar o altar-mor da igreja, pelos anos 1950.

⁴ Como sacco da merenda, a gente da Lombada usa ainda hoje uma saqueta de riscado, de boca larga, com uma alça para pendurar ao ombro. Dão-lhe o nome de alforges.

Todos os anos era assim, quando o conselho se reunia para «*impeçar a roçada*», à volta de 20 de Janeiro. O S. Sebastião, além de outras festas, ritmava geralmente mais esta festa de trabalho. Assim aconteceu até há cerca de quarenta anos, mais ou menos, nas aldeias de Laviados, Vila Meã, S. Julião, Deilão, Petisqueira, Guadramil. Todas elas se formaram no planalto da Lombada. É uma zona agro-pastoril, varrida de ventos, e limitada em círculo irregular por algumas linhas de água.

As roçadas constituíam um trabalho duro, mas motivador de festas e proezas que os ditos habitantes ainda descrevem até ao pormenor.

Este proémio abre-nos a porta a um aspecto indispensável para bem conhecer o dia a dia das comunidades que se instalaram a leste de Bragança, na região fronteiriça. Com o final de verão todas as colheitas estavam arrecadadas. Já em Dezembro, as matanças reforçavam a despensa, e forneciam conduto para o naco de pão que se levava de merenda para os trabalhos do conselho. Ninguém era obrigado a tomar parte na roçada, mas como o nível económico dos vizinhos era menos que mediano, poucos faltavam ao aviso que o sino estendia ao espaço organizado da aldeia. Tão importante como o pão centeio que as roçadas produziam, era o convívio que se gerava nesses momentos. Na descrição deste trabalho tentaremos seguir por ordem lógica e cronológica as suas diferentes etapas.

As roçadas «*impeçavam no mês de Novembro e Dezembro*», informam os de Laviados. Nas restantes aldeias (Vila Meã, Deilão, Petisqueira) apontam mais para o S. Sebastião (20 de Janeiro)⁵. A diferença temporal resultaria não só das condições climáticas, como também da área a roçar. Regra geral, para a roçada só ia um de cada casa, embora na Petisqueira, uma senhora idosa, a Ti Violante, me dissesse que «*todas tbamus c'os filhos às costas*». Nesta zona da Lombada, por observação directa, concluo que o homem, ainda hoje, não sabe ir para o campo sem a mulher atrás.

A comunidade supõe uma hierarquia. Os mordomos, sempre dois, são os delegados escolhidos pelo conselho para orientarem os trabalhos. «*No primeiro dia do roço metiam dois encarregados*». Tanto em Guadramil como na Petisqueira, recolhi a informação de que os mordomos eram escolhidos por um acordo dos mais velhos, pelo sistema de votação. «*Os mais antigos*» escolhiam dois ou três homens. O chapéu de cada um era a urna do voto, onde a pedrinha de cada um dos presentes servia de boletim. Em tempos menos remotos, em Guadramil, o cabo d'ordens tinha na mão um papel onde estava escrito o nome

⁵ Em Babe cortavam o roço só em Maio. «*A giesta florida tem mais alma*», quer dizer, aduba melhor a terra.

de cada vizinho. Os votantes aproximavam-se e diziam-lhe à puridade em quem desejavam votar. Um tracinho feito com um lápis, à frente do nome de cada votante, indicava os votos que tinha. Diversas vezes ouvi repetir o nome *acordar, fazer acordo*. Parece que estávamos perante uma assembleia democrática. A democraticidade verifica-se ainda no exercício do poder pelos dois magistrados. Em Guadramil «*os mordomos d' zium: hai que fazer isto*». Fiscalizavam a chegada de cada um à roçada. «*Tocabum à roçada à promanhã, às 7 horas da manhã. Almoçaba-se à luze da candeia, e antes de o sol se pôr num binhum p'ra casa*» (Laviados). Noutras aldeias não eram tão madrugadores. Se algum chegava atrasado «*pagaba a tardança*» (Deilão), e ficava com a multa marcada no cabo do calagouço, com um traço feito pelo mordomo. Na Petisqueira «*marcabum as multas na tala*»⁶. Multas pagas em vinho e bebido por todos na roçada ou noutra festa qualquer.

Como instrumento de trabalho principal na roçada, havia o calagouço. Ferramenta cortante, com o gume de 0,45 m de cabo de madeira, de 0,80 m. Bem aguçado, desferido sobre qualquer tronco de carrasco, era como alfange em pescoço de mouro. O número de vizinhos presentes dependia da densidade demográfica da aldeia. Referem-se números que vão de 20 a 70 pessoas. Cada um levava a sua merenda. Os mordomos também trabalhavam. Isso não os impedia de dar volta para verificar o andamento. É que o roço tinha de ficar bem coalhado. Ao meio dia almoçava cada um a sua merenda. Tanto em Laviados como em Vila Meã e Deilão, era hábito rezar depois de cada refeição. Eram os mais novos que tinham de rezar. Quem não soubesse, pagava de multa um cântaro de vinho. Para evitar o precalço e desprimor, a mãe de cada um tinha o cuidado de à noite, em casa, ir treinando os filhos na reza em comum⁷.

Seria a entrada na roçada uma espécie de rito de passagem ou rito de iniciação? Assim o concluímos pela seguinte razão. Quando um jovem ia à roça pela primeira vez, pagava também um cântaro de vinho. Só admitiam jovens com mais ou menos de 16 anos para cima. Falaremos adiante de apostas feitas. As que se realizavam entre casados e solteiros, levavam estes últimos a adquirir prestígio perante a comunidade.

⁶ Em Rio de Onor ainda usam a *tala*. Na Pestisqueira caiu em desuso, mas o senhor Carlos Cura, de 81 anos, ainda a sabe fazer. Servia para inscrever os alqueires de centeio que cada vizinho levantava da tulha do conselho. Autêntico livro de madeira, consistia num galho de castanho ou choupo, com um metro de comprimento, onde o «mordomo» gravava, em numeração romana, os ditos alqueires. Um traço vertical separava cada vizinho. Guardavam as talas no lagar, uma espécie de casa do povo. Quando este lagar foi desfeito, há poucos anos, ainda lá existem diversas talas, disseram. — Ver a tala, a *Ilustração Transmontana*, 1910, p. 139.

⁷ Na Petisqueira e Vila Meã, quando à noite regressavam da roçada, «*rezabum a c'roa*» (terço).

Cada aldeia tinha número diferente de baldios ou campos para a roçada. Em Laviados tinham «*p' râl 17 roçadas*». Em Guadramil, talvez 10; em S. Julião, 12 cabeços; em Vila Meã, 14. Isto significava que cada aldeia tinha roçada para tantos anos, quantos os baldios que possuía. Esta rotatividade permitia que os terrenos descansassem durante um período longo⁸. As terras recuperavam e davam geralmente bom ceiteio. Do tamanho da roçada dependia o tempo que o conselho levava a roçar. Na Petisqueira e S. Julião levava cerca de um mês. Em Guadramil, todo o inverno. Sem monotonia, aquele exército, armado de calagouço e boa disposição, enfrentava cada manhã a mesma faina. Para que a monotonia não arrefecesse o entusiasmo, havia sempre uma história a contar, ou uma aposta a criar emulação.

O roço ficava bem cortado, em caminheiras. No fim desta função, o terreno ficava coutado. «*Fiaba-se fino! Ficaba couto!*». Ninguém podia ir buscar lenha ou meter animais no roço, para evitar que o pisar sacudisse a folhagem seca, o que impediria uma queima perfeita. O roço fazia-se sempre antes dos trabalhos dos vizinhos. Durante os anos em que a roçada estava a descansar, qualquer vizinho podia nela cortar lenha para fazer a bárdea ou sequeiro, mas não podia fazer brasas (carvão).

«*Quem num queria ir à roçada num ia. Alguns bzinhos num precisabum, num ibam. Mas se quijessem fazer um catcho noutra parte, num o deixabum*» (Laviados).

Em Laviados, no dia em que terminavam o roço, «*faziam a p'leira*» Era uma refeição melhorada que levava um bom número, no fim da festa a *imp'leirar-se* (embebedar-se).

2. A QUEIMA

«*No dia de S. Lourenço (10 de Agosto) cumbinaba-se a queima. Andabum quinze dias. Lebabum ãa espalhadeira cum dois gantchos*» (Laviados). Tal como no roço, a ferramenta era simples, mas a exigência rigorosa. Para evitar a fácil propagação do fogo, queimavam contra o vento. Tinha de ficar tudo bem ardido. A morosidade dependia do número maior de jeiras a queimar e da exigência dos mordomos na boa execução do trabalho. O calor de Agosto e o brasido escaldante tornavam a tarefa um verdadeiro inferno. Todo o cuidado era pouco, não fossem as chamas passar para terrenos vizinhos, ou para lado de lá da fronteira. Em S. Julião levava uma semana a queimar, e «*começaba-se do lado que ca-*

⁸O descanso da terra até à próxima roçada, respeitava-se rigorosamente. — Ver o artigo do Abade de Baçal, in *Ilustr. Transmontana*, 1910, p. 137.

lhava. Em Guadramil *«queimaba-se im dois dias cunforme binha o bentu»*.

3. A SEMENTEIRA

As primeiras águas de Setembro introduziam a cinza na terra requeimada. Aqui e além o rosto tisonado da encosta cobria-se de rebentos e junquinhos. A terra estava a parir. Setembro, Outubro era o tempo das sementeiras. Os mordomos da roçada tocavam a conselho. *«Dabum ã bolcu ò sinu»*. A mesma animação. *«Ibum os animais diante labrando, e depois iba o pobo c'ũ as gantchas»* (S. Julião). *«Fazia-se cum quintchas, porque as bacas num ibum lá»* (Guadramil). *«Uns labrabum, outros ibum c'oa inichada. Esse cabeça era todo a satchar. À noite binhum p'ra sua casa»* (S. Julião).

Os campos da roçada ficavam longe da aldeia. Os melhores, situados no aro da aldeia, pertenciam a particulares. Essa diferença de posse e de qualidade de terreno, confirma-se ainda hoje. Numa simples vista de olhos ao horizonte, divisamos os campos que foram das roçadas, totalmente incultos, cobertos de monte. As terras chãs e vizinhas da aldeia, denotam uma textura muito parcelar, reduzida, por vezes, a autênticas tiras.

Quando hoje o Presidente da Junta convoca algum conselho para trabalhos comunitários, tem o cuidado de evitar que eles coincidam com a força dos trabalhos particulares. Também há quarenta anos atrás havia essa preocupação. Se a sementeira da roçada consumia uma quinzena ou mais de dias, preocupavam-se que ela, assim como a queima se fizessem depois de cada um fazer as suas lavouras particulares. Assim acontecia em S. Julião.

À medida que nos embrenhamos no âmago destas sociedades primitivas, descobrimos um equilíbrio. As instituições funcionam graças aos órgãos que os povos, dotados de uma certa intuição democrática, criaram.

Na manhã de sair para a sementeira, um dos mordomos avisava os vizinhos que nesse dia deviam levar a semente. Uma vez que já conheciam a área a semear, fácil se tornava atribuir a cada um o número de alqueires que lhe cabia em parte. Quando a qualidade do centeio a semear não agradava ao mordomo, recusava-a.

O campo da roçada nunca apresentava o relevo uniforme. Pequenas encostas que as vacas podiam lavar, salteavam-se com zonas mais íngremes, que a relha do arado não mordida. Só o sacho ou a guincha podia completar a sementeira. Assim, a tarefa exigia mais braços. Em vez de uma pessoa de cada casa, como acontecia nas tarefas anteriores, a sementeira ocupa duas pessoas. Se a mulher viúva não tivesse filho capaz de a ajudar, tinha de pedir a outrem que a auxiliasse. O conselho não aceitava qualquer mão de aranha. Se não fosse desem-

baraçado, não era aceite no conselho.

As pequenas diferenças que vimos encontrando nas tarefas descritas, reforçam a unidade comum. Em Laviados, no último dia da sementeira, os alqueires de centeio que sobrassem, arrematavam-se. Com esse dinheiro compravam «sardinhas e pão e c' miam todos». Às vezes também compravam uma cabra. «C' mia-se a cabra» na aldeia. Ainda se diz: «então já c'meste a cabra?» — para significar que qualquer serviço já findou.

4. SEGADA

O ciclo do pão e preparação da terra, embora constituindo uma unidade, distribuía-se pelo decorrer das quatro estações. Nestas zonas mais frias, a ceifa vinha mais tarde que nas terras da Vilariça. Mas, «Junho, seitoura no punho». Preparavam-se os dedais, afiavam-se ou compravam-se em Bragança seitouras novas. No 29 de Junho, festa de S. Pedro, padroeiro de Babe, juntavam-se camaradas de segadores e criados de servir. Em toda a Lombada, quem os desejasse justar, ali se dirigia⁹.

Também a segada exigia o concurso de uma parelha de cada casa, homem e mulher. Cada vizinho tinha de fornecer um atador e uma mulher. Iam de cada casa dois, acima de 18 anos. Se numa casa havia só um homem e noutra uma mulher, faziam uma sorte. Depois, na colheita, dividiam a meio (S. Julião). Quer dizer que na eira, essas duas famílias, recebia cada uma a metade dos alqueires dos outros vizinhos». «Iba de cada duas pessoas, e fazia-se lá de c'mer. Se um estivesse doente, tinha de tchamar outro».

Para a ceifa ia-se de manhã cedo. A refeição principal era o jantar, aquilo que nós hoje chamamos almoço. Cada par levava de sua casa o pote e o que tinha para comer: presunto, cascanho, orelha de porco, butelo, batatas, grão-de-bico ou feijões. «Toda a gente tinha prazer p'ra apresentar o melhor que tinha» (Petisqueira). Os mordomos escolhiam o local, à sombra de uma árvore, bem como duas mulheres de idade que fossem boas cozinheiras. Cada par de trabalhadores já «deixava os potes guiados», e as cozinheiras acompanhavam o andamento e bom funcionamento daquele batalhão pacífico, à volta do lume. Cada um trazia também o vinho de casa, a não ser que houvesse vinho de multas a beber. Refrescavam-no com sacas molhadas, ou então colocavam os

⁹ Os criados traziam como distintivo uma aguilhada; os segadores, uma seitoura, e os pastores, uns chocalhos

barris de vime ou botas, num lugar fresco, cobertos com folhas de castanheiro¹⁰.

Quando se começava a segar, ia-se d'afeito. Se algum queria avançar mais depressa e deixar os outros para trás, o mordomo ordenava: — «*Num bamus a andar c'um rabus, bamus a correre a stalha!*» (Babe).

Embora o trabalho apertasse, não se afastava a vontade de cantar e beber. O que tivesse melhor voz, entoava lá do extremo do eito: — «*Ai! Minha mãe mandou-me à fonte*», enquanto os outros respondiam, «*Ai! À fonte da salgueirinha...*». À tardinha, as gabelas de centeio coalhavam o chão, numa atitude humilde de prostração e ofertório. Quando o sol ia fechando os olhos faiscantes, alguns mais desembaraçados e de braços mais compridos e musculosos, começavam a atada. «*Na ceifa os homes ibam a atar de roda*» (S. Julião). Se não sabia atar, pedia a outro. Os molhos, ao lusco-fusco, pareciam soldados de elmo na cabeça à espera de qualquer investida. Assim permaneciam até de manhã. Os homens dormiam na roçada, e as mulheres vinham para casa. No dia seguinte, quando o alvinho sombreava ainda os montes, as mulheres vinham de novo com o mordico e mais mantimentos para os familiares. Tinham ainda como tarefa sua juntar o pão. Conforme a boa ou má produção que o ano dava, assim os mornais rareavam ou enchiam o campo. Eram figuras geométricas com o feitio de casas rectangulares de telhados de duas águas. Podiam ter um carro de pão, cerca de 20 pousadas, quando estavam num lugar bom para carregar o carro, caso contrário só levava 10 pousadas. Quando, por qualquer motivo, o pão estava húmido, então faziam-se morenas ou mornaleiras, que em Guadramil têm o nome de raposeiras. Esta forma de juntar o pão proporcionava uma melhor secagem.

5. O ACARREJO

Os lavradores saíam de manhã cedo, em direcção à roçada. Os mordomos tinham já numerado e sorteado os mornais. Assim se evitava que o mornal situado em bom lugar, tivesse mais do que um pretendente. Filas de vinte ou mais carros chiavam que se derretiam, a caminho da eira. Ali se construía em «*forma de pêra*» a «*meda da roçada*», que podia ser maior ou menor. Certo ano, alguém chegou fogo, em S. Julião, à meda da roçada. «*Foi a desgraça dos probes. A meda debia ter nesse ano 200 carros de pão*».

¹⁰ Já fizemos referência (Vide *Brigantia*, Vol. 1, nº 1, p. 31-35, Abril/Junho 1981) ao barril. Recipiente tecido com vime para transporte de líquidos, era usado para levar vinho também nas roçadas. A impermeabilização fazia-se com pezo.

6. A MALHA

É a última etapa do longo ciclo que ao lavrador causa tantas canseiras. Esta faina era antes da malha particular de cada um. A razão de tal prioridade é-me fornecida pelos informantes de Guadramil. Com o centeio obtido por cada um na malha do conselho, já se abasteciam para cada um fazer depois a sua malha.

Às 7,30 horas da manhã, gritava-se: — «*Vamos à à...à as... trar! Toca à à... à astrar!* (S. Julião). Este gritos eram variados, conforme a aldeia. Em Vila Meã, depois de darem «*uma sina no sino*», gritavam: — «*Gente à e-e-eiral!*». Quando chegavam, o mordomo fazia a chamada. Em Deilão, o que subia à meda, apregoava: — «*Quem quijer carneiro que banha a ma-a-lhar!*; ou ainda: — «*Quem quijer que banha p'ra e-e-ei-ra!*».

Homens e mulheres, em jejum, dirigiam-se à eira. As mulheres acarravam os molhos da meda, e os homens astravam. Com os braços cheios de centeio, andando de costas para trás, iam estendendo o pão em fiadas, ficando sempre as espigas de uma fiada sobre os troncos da outra fiada. Enquanto vinham a almoçar (pequeno almoço), o pão ficava a aquecer, até cerca de 9 ou 10 horas. Duas filas de malhadores, frente a frente, alternavam com o malho pancadas impiedosas sobre o eirado. Conforme as aldeias, havia formas diferentes de avançar na malhada. Podiam «*malhar à bêta*» ou «*ò lombo*». Se malhavam a eito, uns avançando e outros recuando, designavam isto por «*malha à bêta*». Quando avançavam na horizontal, pela beira do eirado, até ao fim, e vinham depois pela terceira fiada de pão estendido, e a seguir malhavam a segunda fiada, chamavam a esta manobra «*malhar ò lombo*».

Para que os malhos fizessem mais ruído, quando o pértigo batia no eirado, um dizia: — «*Bamus ò stouro*», e então puxavam a valer pelo malho, de modo que alguns pértigos do centro batessem mais atrás, e os dos malhadores do lado, mais à frente¹¹. Também chamavam em Vila Meã a este modo de malhar, «*traçar a malhada*», «*E p'ra stourar mais, um malhava mais à frente e outro mais atrás*». Alguns malhavam à mão direita, e outros à esquerda. No entanto, um malhador que malhava às duas mãos, tinha mais vantagem.

Quando a primeira face do eirado estava bem fustigada pelo malho, e enquanto os malhadores descansavam, era a vez das mulheres¹². Com a perna

¹¹ O malho constava de duas partes principais: *mangueira*, feita de choupo, e o *pértigo*, de carvalho, mais curto que a mangueira. Esta tinha na extremidade a *focineira* ou *nariseira*, argola de ferro a que se prendia o *cidouro*, correia de cabedal, feita de um subeio velho, para ligar a manteiga ao pértigo.

¹² Durante a malha, e por causa do calor excessivo, os malhadores andavam às vezes em ceroulas, e com um lenço tabaqueiro na cabeça.

direita davam uma levantadela ao centeio, e viravam-no depois ao contrário. De novo as pancadas dos pértigos. De vez em quando, os homens descansavam à espera de uma pinga fresca que compensasse a desideração pelo esforço despendido. E cantavam:

*Venha vinho, venha vinho!
Venha mais meia canada.
Eu, sem beber vinho não canto
Cantigas à minha amada — Bis*

*Hei-de subir ò loureiro,
Ò mais alto ramallete.
Se cair, apegarei-me
Às asas do seu colete. (S. Julião)*

As espigas túrgidas deitavam fora os grão morenos, causa de tanta canseira. Com o cabo dos malhos e algumas espalhadouras, os malhadores retiram a palha. Atrás, as mulheres vão baleando os coanhos. As mulheres, nesta altura, também cantavam:

*Já te cortaram as tuas asinhas,
Melrinho, meu com (sic),
Como cantarás?
E mais o meu melro,
E mais o vosso ai!
Melrinho, meu com,
Como cantarás? (Laviados, S. Julião, Deilão)*

Da palha melhor retirava-se o colmo. Servia não só para fazer os bancelhos com que se atava o trigo, mas também para encher a albarda dos animais, o charagão onde se deitavam, e cobria o palheiro onde guardavam o feno. Com a palha restante faziam tantos balgos quantos os vizinhos. «*Até òs fetchos da noite*» (S. Julião) malhava-se outro eirado. A mesma operação inicial de astrar, malhar, balear. Se a malha durasse três dias, o lastro coberto de cereal ia crescendo. Para que não saltasse do eirado para fora, erguiam em volta dele um *cordão* feito de molhos de centeio, colocados com as espigas para baixo e os caules para o ar. No fim, todo o cereal se juntava com o auxílio de uma tábua, a cujas extremidades se atava uma corda, puxada por grupos de homens. Quando a malhada era grande, o mó chegava a ter mais de 50 metros de comprido.

Se o vento soprava de feição, o mó do centeio, em breve ficava limpo de espigas e de outras impurezas. Enquanto os homens atiravam ao ar o centeio com pás de madeira, as mulheres, agitando ao de leve vassouras de baleias, retiravam para fora toda a impureza que restava. A canção era o condimento indispensável de todo o trabalho rural. A vassoura tornava-se mais ágil, quando as mulheres contavam:

*Varre, varre, minha vassourinha,
Abana, abana, meu abanador!
Vassourinha, varre, varre,
Abana, abana, que faz calor! (Guadramil)*

Quando a colheita ultrapassava as canseiras de todo o ano, o conselho rodeava o mó do pão numa alegria incontida. Solidários na abundância e na carência, homens e mulheres esperavam, numa atitude de guarda d'honra, que chegasse o momento de arrecadar a sua quantia. «*A partilha fazia-se à roda, dando a cada vizinho cinco alqueires arrasados*» (S. Julião). Em Laviados mediam seis alqueires, de cada vez, a seu vizinho. Quem devesse multas em dinheiro ou em vinho, era-lhe descontado a dívida antes de levar o seu cereal. A mulher viúva, em Guadramil, só tinha direito a metade da quantia que os outros vizinhos levavam, porque nas restantes tarefas só dera «*meia jeira*».

Na descrição das fainas anteriores, encontrei em todas elas o sabor da festa. Não fosse o excesso prejudicar o bom andamento e rendimento dos trabalhos, os mordomos tinham a mão pesada para aplicar multas e desmotivar os mais atrevidos e brincalhões. Como atrás afirmámos, «*o que num iba à hora pagaba a tardança, e o que faltaba ò respeito, descuntabum-le no mó*». Justiça igual para todos se praticava na «*roda das condananças*», porque «*no dia do mó, descuntabum-le, conforme o acordo*». Se nalgumas aldeias, as multas se reduziam a um cântaro de vinho, na Petisqueira eram de pão. «*Quatro ou cinco homes ibum a um acordo*». Sempre a preocupação de salvaguardar a justiça com a opinião e acordo dos mais velhos.

7. A FESTA

Além da festa anual, tempo de paragem do trabalho, o momento de confluência dos amigos que quisessem comparecer, havia as festas ocasionais, sem grande estrondo. Constavam estas de missa cantada e procissão. Em casa, a refeição era melhorada. Em Babe, essas festas são conhecidas por «*festas de badalo*». De facto é o sino que anuncia e dá o tom à festa.

Nesta zona do planalto da Lombada ainda hoje se encontra o sentido dionisíaco da vida. Se havia amuos, eles passavam depressa. A festa no trabalho tornava apetecidos aqueles convívios laborais. Podia faltar noutros dias, mas no jantar (almoço) da segada, *«toda a gente tinha prazer p'rá apresentar o melhor que tinha: presunto, cordeiro, cascanho, ovelha, butelo»* (Petisqueira). A merenda era mais leve, mas sobrava sempre um troço de *«lungaça»* do jantar (almoço). A noite chegava com um desejo insofrido de descansar, especialmente os mais velhos. A ceia era leve, e o apetite para *«c' mer um caldico de coubes, feijão, e um bocadico de barbada ou queixada»*, ainda se arranjava¹³.

Bailes faziam-se em qualquer local, principalmente à noite, e com gente nova. Em todas as aldeias encontrámos o uso de celebrar com festa mais ou menos rija o trabalho da roçada. Vale a pena referir a *«festa do rio»* que os habitantes da Petisqueira faziam no domingo a seguir à partilha do pão e término da roçada. Festa do rio, porque se fazia ali perto, junto do rio Maçãs. Mas, o nome mais original dava por *«convidada da roçada»*. *«O padre binha, rezaba a missa na capela, e depois ibum p'ró rio. Cantaba-se, bailaba-se. Era um dia inteiro de festa, só p'ros da aldeia!»*

Já dissemos atrás, que cada um levava, regra geral, o vinho que bebia, a não ser que houvesse vinho de multas, porque então, todos bebiam dele. Mas, em S. Julião e Laviados, no princípio na malha, *«compraba-se ãa pipa de binho p'ra todos»*

Quando tento reconstituir o trabalho sazonal destas aldeias, em dias de conselho, noto que o convívio e a multa estão sempre numa relação muito directa. O dinheiro quase não aparece. Trata-se de sociedades de subsistência, onde a liquidez monetária era nula. Pagava-se em géneros, mesmo em Bragança. *«Quem fornecia em Bragança, era o Senhor Américo (tinha uma taberna na estacada) e a Senhora Camila, que vivia nos Batocos e tinha lá taberna e fornecia pão. À vezes que o ano era rõi, nem daba p'ra pagar... Eles binhum a fazer a cobrança...»*.

Era assim, *«pobretes, mas alegretes»* !. Quando o ano não queria, nem o suor, nem o vinho ingerido faziam germinar o pão. Nalguns anos não dava para a despesa, confirmavam. *«Num daba a motcha p'rá cornuda»*. Num desses anos miseráveis, um segador ia atando, como irrisão trágica, as manadas de centeio que ceifava, debaixo do cinto. Não precisava de mais espaço, para guardar as minguidas palhas. Ao chegar ao fim do dia, em tom de escritura solene, dizia o pobre vizinho: — *«Quero deixar escrito aos meus herdeiros que nunca na*

¹³O sentido do encontro e da festa também existia, embora noutro contexto, quando a comunidade se juntava para fazer gratuitamente a segada, o recolher do feno à viúva do vizinho que morrera, ou se encontrava doente.

vida venham a trabalhar para esta roçada» (S. Julião). A mesma atitude teve outro, com alguma sobranceria no olhar, na manhã da segada, para o centeio raquítico: — «*O diabo que te pôs assim, que te segue»*, e virou costas, sem querer saber da ceifa (Babe).

8. APOSTAS E ARMADILHAS

Os trabalhos agrícolas fornecem momentos privilegiados para conhecer o comportamento e personalidade de uma comunidade rural. Alimentação, relacionamento, ferramentas, economia, eis alguns aspectos que podemos analisar, ao verificar a página da vida de um povo.

Também nos apercebemos do aspecto lúdico que o trabalho sempre inclui. As roçadas revelaram-nos que elas eram ocasião para que os mais novos pudessem ser aceites, de pleno direito, no grupo dos mais velhos. Como vamos ver, a destreza, a força, a resposta pronta, a agilidade, são aspectos que a pedagogia inata de comunidades iam inculcando nos mais novos. A roçada foi uma escola moderna de aprendizagem.

«*No escaitcho, a tapar o pão, os rapazes tirabum ãa tarroada às raparigas. Se o mordomo bia, pagaba ua quarta de pão»* (Deilão e S. Julião). *S' habia um xardão na roço, e se o cortasse c'ũa calagouçada, d'ũa beze, ganhaba a aposta d'um cântaro de binho»*. Em Janeiro, quando andavam no roço, apanhavam coelhos. Arrematavam-nos e o dinheiro era para vinho (S. Julião). Para os agarrar, faziam um *reduto* (Laviados e Vila Meã). Constava de uma espécie de caminho feito de mato cortado, que se ia afunilando na extremidade da saída. Os coelhos eram espantados pelos roçadores, e outros apanhavam-nos nesta saída estreita. Outra armadilha consistia num pequeno outeiro coberto de mato por roçar, para onde previamente espantavam os coelhos. Roçavam mato à volta. Com o chão coberto de mato roçado, facilmente se apanhavam os coelhos, porque não podiam correr.

Uma aposta que demonstrava a valentia do roçador e o corte afiado do calagouço, relacionava-se com o corte de um tronco de sardão, de um só golpe. A este desafio designavam-no por «*fazer uma buxa»*. A moeda que avaliava o feito continuava a ser o vinho. Desafiavam-se os rapazes novos da roçada para ver se eram capazes de apanhar um coelho, sem usar espingarda ou fisga. Para aferir a precisão da mão, habilidade muito vulgar e necessária em pastores,

apostavam no atirar de um «lapada a ãa árbore».

9. GUARDAR A ROÇADA

A propriedade comunitária era de todos . Os mordomos sentiam a obrigação transmitida de zelar pelo cereal, desde que estava nascido. Havia pastores vizinhos que podiam abusar.

«Ao nascer o pão punham um caiato à bolta do pobo» (Petisqueira). Havia dois caiatos. Os mordomos designavam dois homens do conselho. Um «saía à promanhã c'o caiato e ò regressar entregaba-o ò mordomo». Esta guarda e controlo mútuo durava até ao fim da segada. Na Petisqueira, os caiatos eram dois pequenos paus em forma de tronco de cilindro. Um tinha um pequeno corte, feito à navalha, e o outro tinha dois. Em S. Julião o número de caiatos dependia da área da roçada. Chegava a haver quatro ou cinco caiatos. Se a área a guardar era pequena, então chegavam dois caiatos, Nesta aldeia, eram de pau de amoreira, em forma de gancho para se pendurar na árvore combinada¹⁴.

Quando apanhavam algum transgressor, era denunciado pelo guardador do caiato, ao mordomo. Este ia a «acordo com os belhos que multa habiam de aplicar». Se o transgressor fosse de aldeia estranha, pagava a dinheiro. Como afirmámos atrás, estas multas, se sofridas por vizinhos da aldeia, eram pagas no último dia do mó. Em Guadramil estes e outros hábitos comunitários estavam exarados no Tombo do Conselho, livro que desapareceu há mais de trinta anos.

Informadores:

Manuel Sousa, 45 anos	Babe
José António Noyal, 65 anos	Deilão
Manuel António Morais, 70 anos	Deilão
Caetano Preto, 82 anos	Guadramil
Evaristo Marrão, 76 anos	Laviados
Evaristo Vara, 75 anos	S. Julião
Francisco Fernandes (Bernardo)	Vila Meã.

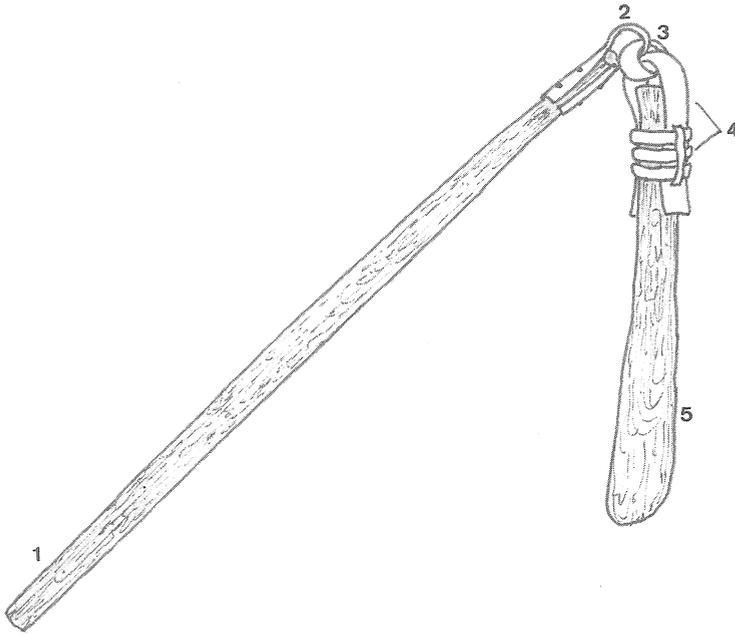
¹⁴ Em Rio de Onor, para o mesmo efeito, usavam o termo *cambito*. — Ver Jorge Dias, Rio de Onor, p. 100.

GLOSSÁRIO

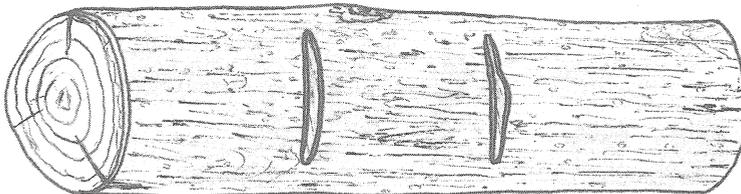
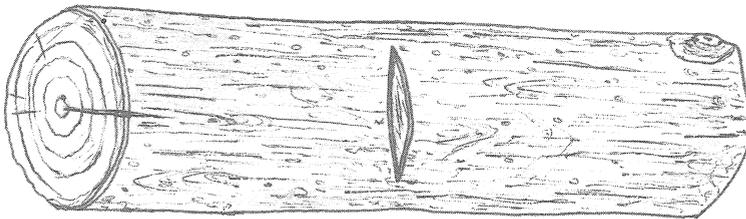
- Astrar** — Espalhar o centeio no eirado. — Os malhadores *astravam* o centeio na eira.
- Bárdea** — Rima de lenha; sequeiro. — *A nossa bárdea* tem mais lenha que a vossa. A maior parte da lenha do sequeiro é de freixo.
- Bancelho** — Vencilho; vincelho. — Os atadores fazem os bancelhos com a grainheira do pão.
- Balgo** — Montão de palha centeia. — No fim de malhar o eirado, as mulheres faziam um *balgo* para cada vizinho.
- Caiato** — Pau curto, de cerca de dez centímetros de comprimento, ou em forma de gancho, usado como sinal de guarda. — Os mordomos mandaram levar o *caiato* à outra extremidade do termo.
- Calagouço** — Calagouça de lâmina mais comprida, usada no corte do mato.
- Cascanho** — Pé de porco. — Durante as segadas, as cozinheiras coziam *cascanho* com feijões.
- Charagão** — Enxergão. — No fim do verão, as donas de casa enchiam os *charagões* com palha de colmo.
- Cidouro** — Correia feita de subeio velho para ligar a mangueira ao pértigo.
- Cordão** — Fila — Os Malhadores colocavam um cordão de molhos, com as espigas para baixo, em volta do eirado.
- Empeleirar** — Embebedar-se. — No fim da malha, os malhadores *empeleiraram-se*.
- Escutrumelar** — Escodear o pão; parti-lo com a mão. — Ó Maria não deixes estrumelar o pão aos rapazes.
- Estalha-Elto** — Os ceifeiros corriam a estalha; ceifavam a oito.
- Focinheira** — Argola de ferro a que se atava uma correia para ligar a mangueira ao pértigo.
- Lungaíça**. — Linguíça.
- Mordico**. — Mata - bicho. — Pela manhã, os ceifeiros comiam o *mordico*.
- Mordomo, mardomo, merdomo**. — Além da primeira grafia, é frequente a pronúncia das outras duas formas. — Os mordomos tiram a esmola para o S. Sebastião.
- Morena**. — O mesmo que mornaleira.
- Mornal**. — Monte de molhos de cereal, — Este mornal tem vinte pousadas.
- Mornaleira**. — Conjunto de molhos devidamente acamados. No fim do dia, as mulheres juntaram o pão em mornaleiras, para enxugar melhor.
- Nariseira** — Ver focinheira.
- Pértigo**. — Pírtigo, parte do malho que serve para fustigar o pão. — Os malhadores batiam com o *pértigo sobre as espigas*.
- Pousada**. — Conjunto de quatro molhos de cereal. Este carro leva vinte *pousadas*.
- Raposeira**. — Conjunto de molhos de cereal, pouco seco, espalhados no chão. Os segadores juntavam o pão em *raposeiras* para secar melhor.
- Reduto**. — Refúgio, armadilha. — Os rapazes construíram um *reduto* para agarrarem os coelhos.

BIBLIOGRAFIA

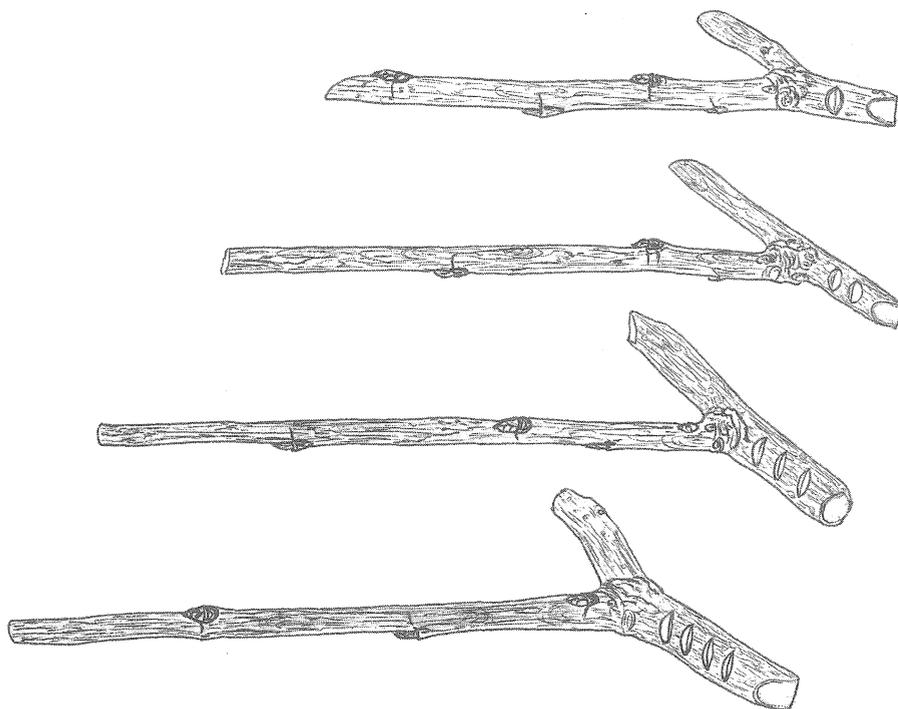
- CARO BAROJA, Julio. — Los pueblos de España. — Madrid, Edit. Istmo, 1976, 352 p.
- COSTA, Joaquim. — Colectivismo agrario en España, 2º ed. — Zaragoza, Guara Edit., 1983, tomo 2º, 427 p.
- DIAS, Jorge. — Rio de Onor: Comunitarismo agro-pastoril, 2ª ed. — Lisboa, Edit. Presença, (1981), 352 p.
- ILUSTRAÇÃO TRANSMONTANA. — Porto, 1910, 3º ano.



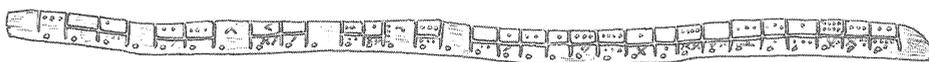
1 — Malho da Lombada (Bragança) e elementos de que se compõe: 1 — mangueira; 2 — focinheira ou narizeira; 3 — cidouro; 4 — correias; 5 — pértigo. Comp^o da mangueira: c. 1,60 m.



2 — Caiatos de Vila Meã (Bragança). Comp^o orig. do superior: c. 13 cm.



1 — Caiatos de S. Julião (Bragança). Comp^o do superior: c. 12,5 m.

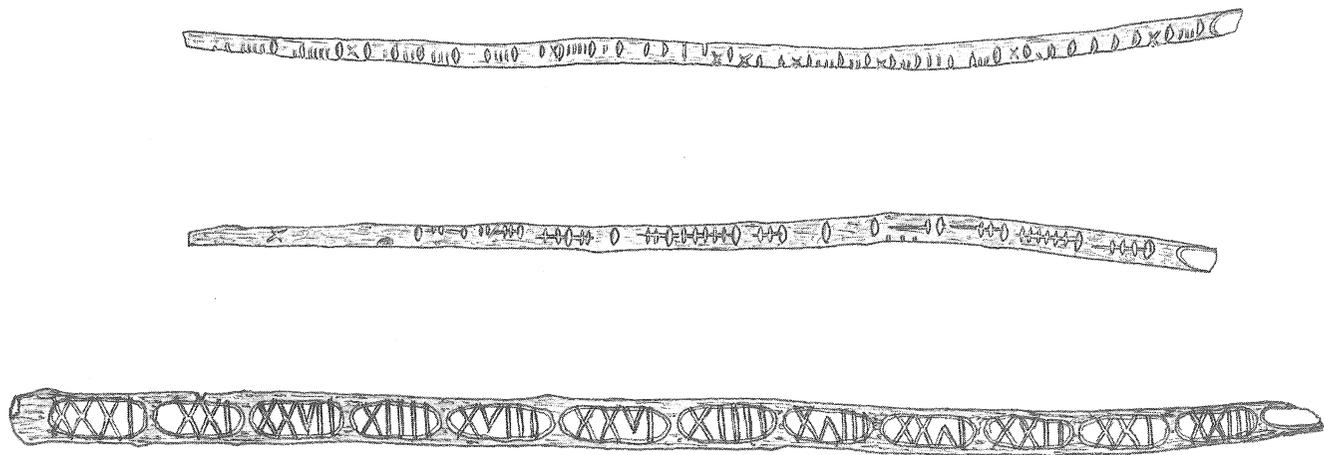


1



2

2 — Tala do foro de Calabor. 1 — Frente; 2 — Reverso. Reprodução da revista *Ilustração Transmontana*, 1910. Comp^o: c. 1,01 m.

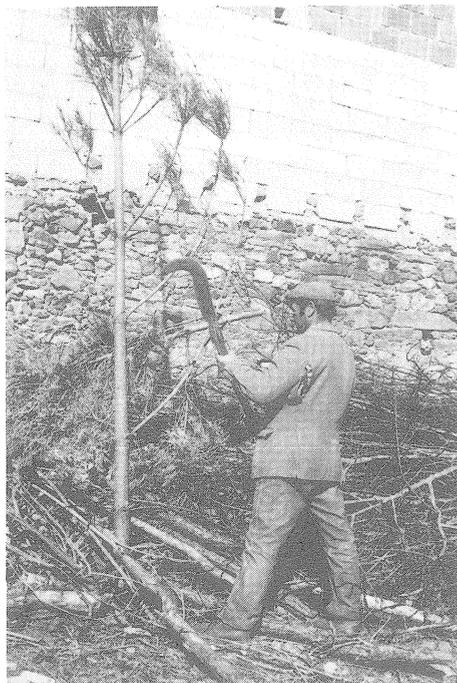


Em cima: tala da roçada (Rio de Onor — Bragança). Compº: c. 1,06 m.

Ao centro: tala do gado (ibidem). Compº: 1,03 m.

(Reproduções da *Ilustração Transmontana*, 1910).

Em baixo: tala do pão da Petisqueira (Bragança). Compº: c. 79 cm.



1 — O calagouço é capaz de cortar um carrasco de uma só vez.



2 — Malhava-se «até òs fetchos da noite».



1 — Medas.



2 — «Varre, varre minha vassourinha».